

## NARRATIVA ORAL: O BICHO DO PARANÁ

Maria Fatima Menegazzo Nicodem \*

**Resumo:** Este trabalho foi elaborado no âmbito dos estudos de narrativas, com o foco em narrativas orais. O objetivo centra-se na análise de uma narrativa oral do estado do Paraná, optando pela canção que se popularizou como símbolo do estilo paranaense de viver: *Bicho do Paraná* é de autoria de João Lopes e é a obra descrita, tematizada e analisada no decorrer deste trabalho. A narrativa é considerada obra de arte, localizando-se nos estudos de identidade, cultura, memória e biografia, ativando discursividades presentes no cotidiano de certa população.

**Palavras-chave:** Obra de arte. Memória e biografia. Autor e discursividades.

### NARRACIÓN ORAL: O BICHO DO PARANÁ

**Resumen:** Este trabajo fue preparado como parte de los estudios narrativos, con un enfoque en narraciones orales. El objetivo se centra en el análisis de una narración oral del estado de Paraná, optando por la canción que se popularizó como un símbolo del estilo de vida em el Paraná: *Critter Paraná* fue escrito por João Lopes y es el trabajo que se describe, tema analizado en este trabajo. El relato es considerado una obra de arte, que se encuentra en los estudios de la identidad, la cultura, la memoria y la biografía, la activación de los discursos cotidianos de una determinada población.

**Palabras-clave:** Ilustraciones. La memoria y la biografía. El autor y discursos.

### Introdução

*“Escrever é sempre esconder algo de modo que mais tarde seja descoberto.”*  
(CALVINO, Italo, 1982).

No período compreendido entre 22 e 26 de novembro de 2010, a Professora Alvanita Almeida Santos ministrou o segundo módulo da Disciplina Estudo de Narrativas. O primeiro ficou por conta da Professora Nancy Rita Ferreira Vieira (que trabalhou aspectos teóricos e históricos de narrativas escritas por mulheres e sobre elas) e o terceiro ficou por conta do Professor José Henrique Freitas dos Santos (que trabalhou as narrativas afrodiaspóricas, com lastro teórico dos Estudos Culturais). Optei por realizar o trabalho de avaliação da disciplina, contemplando os temas da Narrativa Oral, trabalhados pela Professora Alvanita. Para dar conta do trabalho, escolhi a canção “Bicho do Paraná”, de autoria de João Lopes, que se transformou numa das marcas populares da cultura paranaense. Analisar-se-á o teor da composição, buscando como ela povoa o imaginário do paranaense que engendra uma construção da imagem do sujeito do Paraná, em seu estilo, característica, *modus vivendi*, trabalho, lazer, alegria e dor. A comparação que faz do sujeito paranaense com o do Rio de Janeiro leva a buscar Bakhtin quando este

assegura que “o sujeito define-se em função do outro”.

O ser do Paraná é, não raras vezes, vislumbrado como aquele ser imagetivamente construído no imaginário do Brasil como fechado, isolado, acanhado e nebuloso. O que teria o “bicho do Paraná” que se relaciona com esta descrição? Que construção histórica transpassa a canção de João Lopes “Bicho do Paraná”?

Argumentam Santos e Silvério (2008, p. 5) que se o paranaense é de fato um povo com uma característica peculiar, de semblante fechado, isto se deve a toda uma construção histórica de sua formação. Mas a frase negativa de João em o “Bicho do Paraná” sugere um sujeito que aprecia tanto as matas, quanto a cidade; tanto a ruralidade quanto a urbanidade. É justamente o predomínio das matas e o jeito rural do estado do Paraná que João Lopes eleva e prestigia, criando, com base nele, o caráter e o estilo paranaense. Essas implicitudes são possíveis e se evidenciam na canção. Vejamos então o que é O “Bicho do Paraná”, que João Lopes preconiza na composição.

### **Analisando o “Bicho do Paraná” – a composição**

#### **Bicho do Paraná**

João Lopes

Seu motorista toque o carro  
Me tire desse lugar  
Me leve logo motorista  
Pro outro lado de lá

No mato a gente se ajeita  
Tudo que se planta dá  
A gente que nasceu no mato  
No mato tem que morar

A vida aqui cá na cidade  
Tá difícil pra danar  
Eu vou voltar pra minha terra  
Pro Norte do Paraná

Não vou cortar o meu cabelo  
Só pra dar o que falar  
***Eu não sou gato de Ipanema***  
***Sou Bicho do Paraná***

A vida aqui cá na cidade  
Tá difícil pra danar  
Eu vou voltar pra minha terra  
Pro Norte do Paraná

Não vou cortar o meu cabelo  
Só pra dar o que falar  
***Eu não sou gato de Ipanema  
Sou Bicho do Paraná***

***Eu não sou gato de Ipanema  
Sou Bicho do Paraná.***

## **A análise – perspectiva histórica**

Os primeiros habitantes do Paraná de que se tem registro são índios tupi-guaranis que habitavam o litoral sul, às margens do Rio Paraná e o atual Paraguai. No litoral eram conhecidos como Carijó e no interior como Guayaná e Xetá. Dedicavam-se à agricultura de coivara, em campos preparados pelas famílias (SANTOS; SILVÉRIO, 2008, p. 5).

Geograficamente, os índios paranaenses localizavam-se em duas grandes áreas culturais: a da floresta tropical (região da Serra do Mar) e a marginal (próximo da região na qual hoje se localiza o Estado de Santa Catarina). O primeiro grupo formou a grande família Tupi-Guarani, composta por inúmeras tribos e o segundo grupo formou a grande família dos Gê composta pelas tribos Kaigangs e Botocudos.

Asseguram Santos e Silvério (2008, p. 7) que a contribuição da cultura indígena para o Paraná, faz-se a partir da formação cultural e consta de:

### *Contribuição étnica*

Os milhares de índios que habitavam as terras paranaenses, passaram por um processo acentuado de extermínio e aculturação, mas os índios não foram todos eliminados como se pretendeu nas colonizações paranaenses, tampouco todos foram assimilados pela miscigenação e incorporação à sociedade, embora isso tenha ocorrido de fato com a maioria dos indígenas. Resistem, porém, ainda, muitos indígenas, hoje agrupados, inclusive, em comunidades por todo o estado do Paraná. Esse olhar de apagamento do sujeito histórico indígena atual é o olhar do colonizador que está se desconstruindo pelos fatos: os índios, ao invés de desaparecerem, estão hoje em ritmo de crescimento demográfico, mais conscientes e fazendo valer sua autonomia cultural. São constitutivos do caráter do bicho do Paraná não apenas como memória, mas pela sua existência atual, pelo seu apego às matas, à mãe natureza. Ainda são sujeitos históricos da cultura paranaense com suas tradições, inclusive apego à mãe natureza e à palavra, tida ainda como

“sagrada”, por exemplo, pelos Guarani.

Ora, os traços culturais indígenas permanecem até os nossos dias no cotidiano paranaense. Todavia, não “permanecem” no cotidiano apenas como traço cultural, como passado e tradição atualizada. Há também ainda sua permanência real, inclusive pela continuidade de indígenas no estado do Paraná vivendo ativamente em 18 comunidades dentro de suas tradições, mesmo que algumas delas se mostrem fortemente influenciadas pela sociedade circundante. E é natural que também essa vida indígena, ainda resistente, venha influenciando no presente, não somente no passado, a sociedade envolvente, moldando seu caráter como paranaense. É constitutiva dele, junto com os migrantes nacionais e os imigrantes. O Paraná ainda é indígena e não indígena, vive uma sociedade plural, diversa, cuja síntese, prevalentemente “mateira”, selvagem, rural, interiorana, João Lopes muito bem capta, cheio de orgulho, no “bicho” do Paraná.

#### *Contribuição linguística*

Acontece, sobretudo, constatada pelos nomes das cidades, acidentes geográficos (rios, serras, picos, etc.). Paraná significa “rio caudaloso”. Outros nomes: Curitiba, Parapanema, Paranaguá, Guarapuava, Iguaçu, Tibagi, Marumbi, Itaipu, entre inúmeros outros.

#### *Contribuição gastronômica*

Na alimentação, a influência indígena ocorre sobretudo pelo uso da farinha de mandioca, tão apreciada em muitos pratos típicos paranaenses, além do mingau, da canjica, da paçoca, da erva-mate, entre outros.

Tendo conhecido brevemente nossos primeiros habitantes, é possível embrenhar-se pelo caminho da compreensão da constituição da identidade paranaense, por meio da análise da composição de João Lopes, não primeiro, sem passar pelo conhecimento biográfico do mesmo.

### **João Lopes: o próprio “Bicho do Paraná”**

Paranaense do município de Califórnia, Paraná, filho de família humilde, João Lopes chegou a gravar um elepê da Continental, com uma faixa que pelo seu apelo regional (“Eu não sou gato de Ipanema/ Sou bicho do Paraná”), virou gancho para uma das mais belas campanhas da Umuarama, a *house-agência* do grupo

Bamerindus, hoje HSBC.

João Lopes pisou pela primeira vez em um palco em 1978, a convite de Ivo Rodrigues, da banda Blindagem. Em 1981, lançou seu primeiro disco, “João Lopes”. Entre outras músicas, estava “Bicho do Paraná”, que se tornou hino extra-oficial do Paraná.

Em 1988 Lopes lançou “Pé Vermelho”. Dois anos mais tarde, veio o disco “O Homem e a Natureza”. Em 1966, o álbum “Interiores”. Em 2009, “João Lopes Bicho do Paraná Acústico”, preconizando a força da cultura paranaense e as características do artista.

Lopes mostra a cultura interiorana do Paraná, caipira, mistura de rock’n roll, blues e música brasileira. Em 1970, esta sonoridade ficou conhecida como “Rock Rural” e trouxe à tona expressões como Sá, Rodrix e Guarabira, Flávio Venturini, Blindagem e outros.

### **A canção: narrativa oral – cordel ou poesia social?**

Para analisar o poema da canção “Bicho do Paraná”, de João Lopes, é preciso entronizar-se, emaranhar-se, mergulhar no lastro teórico que, digamos, seria capaz de suportar a composição.

Para tanto, segue-se Chauí quando expressa que:

A ideologia não é apenas a representação imaginária do real para servir ao exercício da dominação em uma sociedade fundada na luta de classes, como não é apenas a inversão imaginária do processo histórico na qual as ideias ocupariam o lugar dos agentes históricos reais. A ideologia, forma específica do imaginário social moderno, é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o *aparecer* social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade), por ser o modo imediato e abstrato da manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a diminuição do real. (1981, p. 3).

Outro caminho, numa possível bifurcação do mote ideológico, é enveredar pelo entendimento da tradição e da nacionalidade. Ora, se João Lopes constrói o “Bicho do Paraná”, está também inserindo no texto um território, que pode se caracterizar num território seu, pessoal, interno e que pode ser também o território geográfico do estado do Paraná. Também é possível entender a *tradição*, como tudo aquilo que há de sagrado para as pessoas desse território.

A invenção das tradições tem a ver com o processo de formação e ritualização. “Bicho do Paraná” emana essa ritualização, quando enfatiza a diferença. Uma diferença que se faz entre o estado do Paraná e o estado do Rio de Janeiro, presente nos seguintes versos “Eu não sou gato de Ipanema, sou Bicho do Paraná”. Os versos são o “carro-chefe” da canção, porque são os mais repetidos na composição e aqueles pelos quais a canção é lembrada.

A construção da nacionalidade relaciona-se com os estudos sobre a tradição. Por “tradição inventada”, segundo apresentado em aula pela Professora Alvanita, a partir de Hobsbawn (2001, p.9), entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade de relação com o passado.

É esta continuidade de relação com o passado que fica nítida nos versos da canção “A gente que nasceu no mato, no mato tem que morar”.

É possível considerar também “o Brasil, ao mesmo tempo como lugar do paraíso e lugar do inferno”. Como isso se dá na composição de João Lopes?

Paraná e Ipanema são lugares no Brasil. A canção deixa aflorar a ideia de que o Paraná é o “lugar do paraíso” e Ipanema, dentro de uma análise semântica, o “lugar do inferno”. Ao mesmo tempo em que tudo pode, há uma série de restrições em vários aspectos.

É possível mesmo levar-se em consideração a ideia do “bom selvagem<sup>1</sup>”, pela qual o paranaense, de origem indígena se constitui: “não sou gato de Ipanema” (da civilização), “sou bicho do Paraná” (bichos da selva). É uma construção. Sim, se constitui nesse processo de construção. Contudo, é preciso lembrar que isso não é apenas herança de um passado. O processo de constituição continua acontecendo, ainda é presente, pois existem indígenas vivendo nas suas tradições (atualizando-as, obviamente) em 18 territórios demarcados, continuando as suas origens, onde se preza, ainda, sobretudo o apego à mãe natureza, à liberdade e à diferenciação com relação ao modo de vida não indígena, urbano, como a do gato do Ipanema.

Uma construção tem vários elementos, o que constitui o conjunto da tradição. Todos os lugares do mundo já passaram ou passam por influências de outros lugares, interferências diversas. Nenhum lugar do mundo é hoje genuíno ainda em sua cultura. As tradições não ficam paradas no tempo, elas se atualizam. As novas

tradições aparecem, considerando um ou mais objetivos determinados.

Professora Alvanita (PG Literatura-UFBA), em suas aulas a alunos de Doutorado em 2010, na UNIOESTE, Cascavel, apresenta categorias para tratar das *tradições inventadas*, quais sejam: a) que estabelecem ou simbolizam a coesão social; b) que estabelecem e legitimam instituições, status ou relações de autoridade; c) aquelas com propósito da socialização.

Determinados valores são passados de geração em geração, sedimentam comportamentos. A oralidade, as tradições orais, as narrativas orais se amalgamam neste setor.

*Bicho do Paraná* contribui com a cultura paranaense sob este foco de análise. Situa-se no veio da tradição que perpassa gerações. Dentro das tradições populares, não raras vezes, há um conservadorismo maior.

Esta canção não é um *Cordel*, mas se constitui numa espécie de cordel, muito embora sem resposta. Porque quem fala fica sem resposta. Quem emana a mensagem inicial é o “Bicho do Paraná”. “O Gato de Ipanema” nunca ofereceu sua resposta. Pode-se dizer que se tem um cordel descontinuado.

Sobre a importância da oralidade em se perpetuar a tradição de *Bicho do Paraná*, cabe seguir Scholes e Kellogg (1977, p. 62) que afirmam que a forma moderna de utilização e valorização da modalidade escrita, sobretudo da escritura, é um produto da revolução tecnológica e cultural da Renascença. Dizem também que se estabelece a dicotomia **popular versus erudito**, separando o que antes era um horizonte comum a todos.

A historiografia das literaturas européias, segundo Alcoforado (2008, p. 111), equivocadamente só admite uma tradição escrita que vem desde Homero, considerado o primeiro grande escritor da civilização ocidental, até os nossos dias. A tradição preconizada por este não considera as milenares tradições orais, como por exemplo *As mil e uma noites*, nem mesmo a literatura medieval, firmada em bases da oralidade, em que a autoridade do texto cantado ou recitado, difundido pelos trovadores, jograis e menestréis, era conferida pela voz, em cuja transmissão *da boca ao ouvido*, era ressaltado o aspecto teatral. Assegura Alcoforado que:

A crescente desigualdade entre as classes sociais no mundo moderno determinou a associação da literatura escrita com a elite burguesa, enquanto as tradições populares foram associadas às classes de menor prestígio sócio-cultural, aos analfabetos, revestindo-se a sua produção de conotações depreciativas e,

sobretudo, preconceituosas, quem sabe, talvez pelo equívoco de admitir a oralidade como improvisação por desconhecimento do peso da tradição na recriação de um texto. (2008, p. 112).

A tradição sobre a qual argumenta Alcoforado, é que faz de *Bicho Paraná* o chamado 'hino extraoficial' deste estado da federação brasileira, como um conjunto de signos atualizadores do universo cultural desse grupo, uma espécie de texto oral produzido durante a sua *performance*, ou seja, "o momento em que uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida" (ZUMTHOR, 1993, p. 295).

Buscando nos estudos da história da literatura oral, vamos encontrar na Idade Média, parte das origens das tradições orais. Bakhtin (1999, p. 8) afirma que sob o regime feudal existente na idade Média, o caráter de festa, de celebração das origens, isto é, a relação da festa com os fins superiores da existência humana, a ressurreição e a renovação, só podia alcançar sua plenitude e sua pureza, sem distorções, no carnaval e em outras festas populares e públicas. No caso do *Bicho do Paraná*, pode-se apontar que João Lopes comemora o Paraná como sua terra natal, ao mesmo tempo que se coloca como *bicho*, numa possível analogia à simplicidade, fazendo-a de forma supostamente hilariante. Essa hilaridade pode ser encontrada em Bakhtin, da seguinte forma:

[...] os aspectos positivos do princípio do riso – sua força libertadora e regeneradora – são abafados (embora o autor conheça perfeitamente a filosofia do riso antigo). O universalismo do riso popular, seu caráter utópico, seu valor de concepção do mundo tampouco foram compreendidos e apreciados na sua justa medida. Mas é sobretudo o princípio material e corporal que parece especialmente empobrecido: Reich o considera através do prisma do pensamento dos tempos modernos, abstrato e diferenciador, logo compreende-o de uma maneira estreita e quase naturalista. (1999, p. 48).

Ora, esse aspecto do riso, em “O Bicho do Paraná”, vincula-se também à vida difícil, a aspectos relacionados à aparência e à agricultura do estado do Paraná, conforme se pode ver nos versos e na imagem do próprio João Lopes: “No mato a gente se ajeita, tudo que se planta dá.” Os versos preconizam a ideia de espaços geográficos privilegiados pela agricultura. “A vida aqui cá na cidade tá difícil pra danar. Eu vou voltar pra minha terra, pro Norte do Paraná.”

É possível depreender dos versos anteriores a vida difícil no meio urbano e a ânsia de retornar para sua terra simples. A canção é uma forma de celebração do retorno à terra de sua tradição. E ordena “Seu motorista toque o carro, me tire desse



lugar, me leve logo motorista pro outro lado de lá.”

A composição estabelece dois lados: o lado de Ipanema e “o outro lado de lá” – o Paraná. Mas há algo nessa diferença entre um lado e outro. Poder-se-ia dizer que um é o lado da infelicidade urbana e o outro o da felicidade rural, uma vez que a canção se situa numa categoria de *rock-rural* na tradição paranaense.

Outra questão, diz respeito à aparência do próprio cantador, que forma um conjunto coeso com sua produção de “Bicho do Paraná”. O sujeito e o ser da composição confundem-se com o sujeito e com o ser da vida cotidiana.

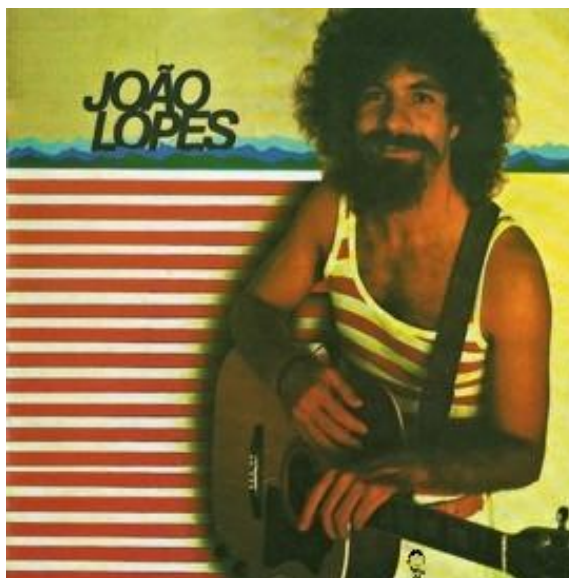


Imagem 1:

Fonte: <http://poeiraecantos.blog.digi.com.br/category/joao-lobes/>

Acima a imagem, a seguir os versos que se relacionam à imagem do artista: “Não vou cortar o meu cabelo só pra dar o que falar. Eu não sou gato de Ipanema, sou Bicho do Paraná”.

Toda esta etapa de análise pode ser respaldada por Hobsbawm (2002, p. 9) que afirma que o termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.

Como o “Bicho do Paraná” se utiliza, como tática de fixação a tradição, da

repetição constante, toma-se Hobsbawm no seguinte sentido: por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Este autor ainda afirma que:

[...] sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade em relação ao passado histórico apropriado. Exemplo notável é a escolha deliberada de um estilo gótico quando da reconstrução da sede do Parlamento Britânico do século XIX, assim como a decisão igualmente deliberada, após a II Guerra, de reconstruir o prédio da Câmara, partindo exatamente do mesmo plano básico anterior. (2002, p. 10).

O *Bicho do Paraná* do ponto de vista que fomenta uma tradição histórica de simplicidade do povo paranaense, tem a concepção de ‘tradição’ repousante na abordagem de Hobsbawm (2002, p.11) em que ‘tradição’ nitidamente diferenciada do ‘costume’, vigente nas sociedades ditas ‘tradicionais’. O objetivo e a característica das tradições, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição, como nos versos “Eu não sou gato de Ipanema, sou Bicho do Paraná”.

A este ponto, é possível dirigir esta análise para a finalização, utilizando o que expressa ONG (1998, p. 21), para quem pensar na tradição oral ou numa herança de apresentações, gêneros e estilos orais como ‘literatura oral’ é pensar em cavalos como automóveis sem roda. Na realidade, afirma ele, as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano, que já não são sequer possíveis quando a escrita se apodera da psique.

### **Considerações finais**

No momento em que se fazem as considerações finais do presente trabalho, aproveitam-se as palavras de ONG (1998, p. 32) quando assegura que aquilo que dá margem a falar, aquilo no que a palavra se articula, é um duplo desejo: o de dizer, e o que devolve o teor das palavras ditas.

Por meio da análise do “Bicho do Paraná”, de João Lopes, entende-se que a

“comunicação vocal desempenha, no grupo social, uma função exteriorizadora. Globalmente, ela permite que se escute o discurso, seja ele grave ou fútil, que uma sociedade pronuncia sobre si mesma a fim de assegurar sua perpetuação, e do qual a poesia oral é apenas um dos modos.”

A coexistência entre os saberes oriundos da literatura oral e os saberes oriundos da literatura escrita, formam um elo fundamental para entendermos o mundo na sua complexidade, o que implica na valorização de forma contextualizada, de diferentes formas de conhecer, como o senso comum, os discursos literários e os próprios mitos.

Ninguém, conforme Zumthor (1997, p. 10), sonharia negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas. É ainda mais difícil pensá-las em termos não-históricos, e especialmente nos convencer de que nossa própria cultura delas se impregna, não podendo subsistir sem elas.

O “Bicho do Paraná” nos permite confirmar que os valores ligados à existência biológica da voz, ainda no rastro de Zumthor (1997, p. 15) se realizam simultaneamente na consciência linguística e na consciência mítica e religiosa, a ponto de ser difícil distinguir nisso os limites do oral e do escrito.

Este estudioso francês da Literatura oral ainda assevera que o simbolismo primordial integrado ao exercício fônico se manifesta eminentemente no emprego da linguagem, e é aí que se enraíza toda poesia. Certamente, voz e linguagem constituem para o analista fatores distintos da situação antropológica. Mas uma voz sem linguagem, o grito, a vocalização não é bastante diferenciada para “fazer passar” a complexidade das forças de desejo que a animam: e a mesma impotência afeta, de outro modo, a linguagem sem voz que é a escrita. Sendo assim, nossas vozes exigem ao mesmo tempo a linguagem e desfrutam, a esse respeito, de uma liberdade de uso quase perfeita, pois ela culmina no canto.

## **Notas**

\* Maria Fatima Menegazzo Nicodem é doutoranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente é professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. É coordenadora dos cursos técnicos em segurança do trabalho do campus Medianeira da UTFPR e coordenou, na UTFPR, o Curso Técnico em Química, o curso de Ensino Médio, o curso técnico Pós-Médio

em Segurança do Trabalho e o curso técnico PROEJA em Segurança do Trabalho. Atua em EaD - Cursos Pós-Graduação Lato Sensu - UAB e em Cursos Técnicos. E-mail: fatimanicodem@hotmail.com

<sup>1</sup> “A teoria do bom selvagem”, de J. J. Rousseau surgiu em 1755 e afirma ser todo ser humano bom por natureza, livre. Sua maldade advém da sociedade que em sua presunçosa organização não só permite, mas impõe, a servidão, escravidão, tirania e inúmeras outras leis que privilegiam alguns em detrimento dos mais fracos, firmando a desigualdade entre os seres humanos que vivem em sociedade. Desta forma Rousseau faz uma crítica objetiva contra a sociedade moderna e um grito de alerta sobre a exploração do homem pelo próprio homem, privilegiando o ter em desfavor do ser.

## **Referências**

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. Literatura Oral e Popular. In. **Boitatá**. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, INSS 1980 – 4504, número especial, ago-dez de 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento o contexto de François Rabelais**. São Paulo-Brasília: Hucitec-Edunb, 1999.

CHAUÍ, Marilena. O discurso competente. In. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Pauo: Moderna, 1981.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: **A invenção das tradições**. São Paulo, Hucitec, 2002.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papyrus, 1998.

SCHOLES, Robert e KELLOG, Robert. **O legado oral na narrativa escrita**. A natureza da narrativa. Recife: Macgraw- Hill do Brasil, 1977.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em: junho de 2013.

Aprovado em: agosto de 2013.